

## “ESTE NATAL”: EFEITOS DA MUNDIALIZAÇÃO A PARTIR DO ATO DE LINGUAGEM PRODUZIDO EM CRÔNICA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Gislene Feiten Haubrich (Feevale)<sup>1</sup>; Ernani Cesar de Freitas (Feevale)<sup>2</sup>

### RESUMO

A contemporaneidade<sup>3</sup> é marcada pela difusão acelerada de conceitos entre as diferentes culturas presentes no globo. A mundialização, embora seja um fenômeno já firmado há vários séculos, assume uma nova dimensão na realidade deste tempo. Nesse sentido, diversas são as transformações decorrentes das trocas culturais, dentre elas a fragmentação identitária, a ruptura das tradições e outras. Essa realidade justifica o presente estudo que visa identificar quais são as possíveis características da mundialização que estão presentes no ato de linguagem produzido na crônica “Este Natal”, de Carlos Drummond de Andrade. Enquanto pesquisa bibliográfica abarcará os conceitos de acerca da temática explorados por Ortiz (1998), Hall (2006) e Bauman (1999, 2007). Já análise do discurso será orientada por Charaudeau (2010, 2012). O *corpus* selecionado representa uma manifestação cultural, cujas estratégias discursivas remetem às propostas dos autores que fundamentam a análise, além de representar uma situação de comunicação que tange uma tradição, implicada por diversas circunstâncias que permeiam os sujeitos do ato de linguagem.

**Palavras-chave:** Mundialização. Análise do discurso. “Este Natal”.

### 1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada pela força dos processos de mundialização. A abertura das fronteiras para o trânsito de trocas monetárias (globalização), possibilitadas pelas relações entre sujeitos espacial e temporalmente distantes, implica diretamente na

<sup>1</sup> Autora. Mestranda em Processos e Manifestações Culturais, na Universidade Feevale. Graduada em Comunicação Social (Feevale). Bolsista de Mestrado Prosup/ Capese-mail: gisleneh@gmail.com.

<sup>2</sup> Orientador. Doutor em Letras - Linguística Aplicada (PUCRS), com pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP/ LAEL). Professor na Feevale e UPF. e-mail: ernanic@feevale.br

<sup>3</sup> Hall (2003, 2006) utiliza o termo *modernidade tardia* e *pós-modernidade*, enquanto Bauman (1999, 2007) fala em *modernidade líquida*. Para este estudo optou-se pelo termo *contemporaneidade*, o qual julga-se mais adequado para evitar discussões terminológicas que não são relevantes à este artigo.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



circulação de outros valores, intangíveis, relacionados à cultura. De imediato diferentes manifestações dividem espaços, fundem-se umas nas outras e profundas transformações vão se dando. Embora essa movimentação de significados esteja ampliada, não se trata de um fenômeno novo, uma vez que desde tempos remotos, povos eram deslocados a novos espaços, provocando a imbricação da tradição trazida àquela já existente no novo local.

Embora Ortiz (1998), aponte aspectos positivos relacionados aos fenômenos da globalização, do qual decorre o entendimento da mundialização, como o descentramento do poder e o pluralismo cultural, que ampliaram as possibilidades de navegar no tempo e no espaço, para grande parte dos pensadores contemporâneos como Bauman (1999, 2007) e Lipovetsky (2005, 2007), o enfoque se dá sob a ótica dos aspectos negativos, como a perda de referencial, ruptura de tradições ou mesmo o dilacerar da representação do sujeito. Uma vez ampliadas às possibilidades de representação, como afirma Hall (2006), a fragmentação de questões fundamentais é inevitável, implicando no isolamento, no individualismo; em suma: uma crise de identidade.

Nesse sentido, para este estudo assume relevo a questão das características da mundialização presentes na crônica “Esse Natal”, de Carlos Drummond de Andrade, escrita em dezembro de 1966. Caracteriza-se a seleção da obra, diante da riqueza do ato de linguagem estabelecido, o qual apresenta elementos discutidos atualmente, como a fragmentação identitária, tradição conjugada com difusão e como essas questões implicam o entendimento da realidade por parte dos sujeitos. A ótica adotada, a análise do discurso, além de permitir a compreensão apurada das estratégias utilizadas pelo autor, orienta a identificação dos sujeitos do ato de linguagem, que atuam sob o viés de uma situação de comunicação representada pela tradição natalina, da qual emergem circunstâncias discursivas diversas e que ancoram o entendimento teórico diante das ideias centrais do texto e que remetem a características da mundialização.

Assim, como problema para condução desse artigo estabelece-se: quais características da mundialização podem ser identificadas no ato de linguagem encenado na crônica “Este Natal”? Acredita-se que os sistemas de significação disponíveis para

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



entendimento da realidade contemporânea, desempenham fatores positivos e negativos são considerados e norteiam a compreensão do corpus selecionado para apresentar o posicionamento adotado.

O objetivo central deste estudo é identificar quais são as possíveis características da mundialização que estão presentes no ato de linguagem produzido na crônica “Este Natal”. Para tanto, visa-se a apropriação dos conceitos relacionados a mundialização como tradição, difusão e seus impactos à cultura e a identidade, além da compreensão da proposta semiolinguística de análise do discurso, a qual permite o desvendar da encenação do ato de linguagem produzida por Carlos Drummond de Andrade na crônica selecionada.

Quanto aos procedimentos metodológicos, adotar-se-á a pesquisa de natureza aplicada, com abordagem qualitativa, uma vez que se busca a compreensão de fenômenos humanos e sociais, a partir de uma obra de ficção. Nesse sentido, tem caráter exploratório, pois propõe identificar caminhos ante o problema pesquisado. Quanto aos procedimentos para coleta de dados, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que busca a conversão conceitual das noções que compõe o referencial teórico, assim como a análise do discurso, a fim de compreender as escolhas linguísticas para composição da crônica e relacioná-las às demais identificações teóricas desenvolvidas. Acredita-se que diante destas técnicas será possível identificar possíveis pistas ao entendimento da mundialização e seus efeitos.

Como marco teórico, tem-se a proposta da semiolinguística para análise do discurso, promovida por Patrick Charaudeau (2010, 2012). O viés do autor é relevante, pois orienta a compreensão aprofundada da crônica, uma vez que a vê como encenação discursiva, portadora de significados e produtora de sentido. Nesse rumo, as concepções desenvolvidas por Hall (2006), Ortiz (1998) e Bauman (1999, 2007) são fundantes a esta contextualização, que constrói o entendimento da crônica selecionada como corpus do estudo, na contemporaneidade.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



### 2 TRANSFORMAÇÃO E TRANSGRESSÃO, A MUNDIALIZAÇÃO

Diversos estudos acerca dos comportamentos contemporâneos são desenvolvidos, tendo como princípio as consequências do mundo conectado, que desconsidera possíveis limites físicos ou simbólicos e realiza trocas de diversas formas. Os sujeitos são convidados a conviver diante de uma noção de igualdade, que promove o livre acesso de todos, ao que é de interesse, a qualquer momento. Em oposição, acredita-se que os seres humanos estão aprisionados em suas celas, coagidos a compartilhar com todos a intimidade, o que se faz a partir de uma aceitação inconsciente. O que se quer dizer: o sujeito posto em um espaço muito maior do que sua capacidade de compreensão, o que o faz dimensionar o mundo diante de suas construções e vivências, desconsiderando outras possibilidades que podem decorrer de suas manifestações. Diante dessas diferentes leituras, visa-se identificar quais características deste tempo contemporâneo podem ser provenientes do fenômeno da mundialização.

Para a compreensão do relevo das trocas simbólicas na atualidade, acredita-se que é necessário buscar pistas a partir da noção de globalização. Segundo Hall (2006, p. 67) “se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado.” Sob este ângulo, percebe-se que as deliberações tecnológicas implicaram a produção de novos significados ao tempo e ao espaço, que combinados aceleram o trânsito de conceitos. Compreende-se, então, o relevo que a palavra conexão assume na proposta de Hall, uma vez que alude a derrubada das redomas instituídas politicamente, a partir de determinações geográficas. Uma vez que o comportamento do sujeito pode ser impelido por diversas possibilidades, diante das conexões que estabelece, favorecidas pela globalização, não é viável o controle absoluto das reações diante de quaisquer acontecimentos.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



A produção e o consumo podem ser consideradas instâncias que evidenciam as imbricações de experiências que desconsideram amplamente quaisquer redomas. Nesse rumo, conforme ressalta Woodward (2000, p. 20), “a globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas.” A autora esclarece, em consonância com Hall, que modificações na constituição identitária dos sujeitos são impostas, e inevitáveis, uma vez que o comportamento, manifestação da identidade, é construído a partir das experiências vivenciadas pelos sujeitos. Uma vez que esses, além de receber impactos constantes de elementos culturais de espaços diversos, também estimulam essas trocas ao deliberarem sua força de trabalho às organizações, movimentam trocas econômicas de ordem global.

Aceita-se, então, que os sujeitos, independente do reconhecimento ou aceitação, tem influência na construção dos sentidos compartilhados globalmente, já que suas ações estão direta ou indiretamente vinculadas com algum produto que é influenciado por efeitos globais em alguma de suas instâncias, seja na produção ou no consumo. Ortiz (1998) percebe essa situação de uma forma positiva, uma vez que, sob seu ponto de vista, a globalização implica uma descentralização, já que os diversos pontos do globo dão-se a consumir pelos demais ao divulgar suas formas de vida. Essa situação, na visão do autor, implica um pluralismo de representações a disposição, cabendo aos sujeitos selecionar o que mais se adéqua a sua identidade, podendo, inclusive, assumir quantas e quais identidades lhe for de interesse.

Certamente implicações culturais serão decorrentes dessas novas formas de compartilhar práticas sociais, muitas vezes instauradas há séculos. Tratam-se de transgressões resultantes do processo de mundialização. Ortiz (1998) apresenta esse conceito, com base na noção de globalização. Como se percebe, além dos valores monetários, os valores simbólicos são compartilhados, emergindo a noção de transações culturais. Mesmo não sendo esta uma noção nova, assume relevância devido a forma como, neste tempo, se dá na sociedade, já que no passado, com a colonização, a cultura do

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



colonizador era imposta ao colonizado, sem que esse pudesse intervir<sup>4</sup>. O que ocorre na modernidade-mundo<sup>5</sup> é a conversão de diversas influências à forma de vida, estabelecendo uma padronização cultural, onde as características locais e globais dividem espaço.

Ortiz (1998) esclarece o entendimento de padronização cultural, salientando que não se pode confundi-la com uma uniformização da cultura. Os elementos simbólicos que conectam os sujeitos advêm: 1) da tradição, expressa nos costumes locais, com o objetivo de manutenção dos vínculos destes com a sua nação de origem; 2) da difusão, proveniente do estabelecimento de novos laços, sem restrição espacial. Diante destas duas esferas em conversão, percebe-se que importantes impactos são aplicados à cultura. “A cultura nada mais é do que a esfera ideológica deste *world system*<sup>6</sup>” (ORTIZ, 1998, p. 26), apreendida por meio da socialização, com natureza mundializada, ou seja, as diversas manifestações culturais se associam, gerando uma padronização nas concepções ideológicas, materializadas na palavra, por meio da linguagem<sup>7</sup>, que supera limitações geográficas.

Embora tenha-se anteriormente apresentado o entendimento da noção de cultura, retoma-se a noção empreendida por Geertz (2008, p. 4), a qual tem-se como mais adequada, principalmente diante do entendimento do processo de mundialização.

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

A compreensão do conceito de cultura, de Geertz (2008), advém dos estudos da antropologia, para a qual a interpretação é atividade essencial. O autor defende que as experiências de mundo transformam o sujeito, uma vez que este compõe-se por

---

<sup>4</sup> Noção abordada por Bhabha (1998), no capítulo 3 da obra *O Local da Cultura*.

<sup>5</sup> Para referir-se ao tempo atual, Ortiz (1998, p. 181) vale-se do termo modernidade-mundo. Emerge da noção de modernidade enquanto descentramento, individualização, diferenciação e de mundo enquanto o extravasar das fronteiras.

<sup>6</sup> Sistematização mundial – mundialização.

<sup>7</sup> Noção abordada por Bakhtin (1981), acerca da palavra enquanto signo ideológico.

# V ENALLI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



movimentos internos e externos. Os primeiros correspondem aos fatores biológicos e psicológicos, enquanto os outros se referem à organização social e a cultura, sendo os mais relevantes no estímulo à conduta dos sujeitos. A função da cultura, enquanto fornecedora de elementos orientadores do comportamento, se faz notória. Salienta-se que o sujeito além de ser guiado por esses subsídios externos, também os estabelecem.

Woodward (2000, p. 18) corrobora com a perspectiva de Geertz ao afirmar que “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade.” A autora acrescenta à sua análise as implicações da mundialização à cultura e à identidade. As experiências do sujeito, representadas por suas escolhas nas situações cotidianas, constituem sua identidade.

Na contemporaneidade, são múltiplas e diversas as vivências e contatos com o outro. A alteridade é múltipla. A identidade passa a ser como uma veste que pode ser trocada conforme o outro se fazer representar. Por fim, Hall (2006, p. 13) admite:

[...] a medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Bauman (1999, p. 53), ao refletir sobre a questão da identidade, acredita que “num ambiente artificialmente concebido, calculado para garantir o anonimato e a especialização funcional do espaço, os habitantes da cidade enfrentaram um problema de identidade quase insolúvel.” Ao elencar conceitos como globalização negativa, ambiente artificial, o autor convida à conscientização da realidade, uma vez que em sua perspectiva as relações líquidas imperam na sociedade atual. Para ele, a contemporaneidade é marcada por paradoxos que permeiam as noções de liberdade e prisão. O sentimento que norteia o viver dos sujeitos não é facilmente identificado ou desenvolvido, transferindo-se de um polo ao outro rapidamente.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Diante dessa polarização de sensações e contradições, é inevitável uma transformação comportamental diante das situações da realidade, que implicam “o novo individualismo, o enfraquecimento dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade” (BAUMAN, 2007, p. 30). O isolamento é estratégia para viver melhor. A essência da vida humana, o compartilhar situações com o outro, perde sua relevância e “os medos nos estimulam a assumir uma ação defensiva.” (Ibidem, p. 15). O sentimento solidário se materializa na virtualidade do mundo da internet, mas nas situações cotidianas transforma-se, acentuando o individualismo que determinam os valores orientadores da conduta humana.

Ainda em acordo com o ponto de vista de Bauman (1999, p. 29, grifo do autor), os impulsos negativos desse sujeito estilhaçado refletem-se nas disparidades das comunidades mundiais. “As elites *escolheram* o isolamento e pagam por ele prodigamente e de *boa vontade*. O resto da população *se vê* afastado e *forçado* a pagar o preço cultural, psicológico e político do seu novo isolamento.” Em prol daqueles cujas condições financeiras permitem um isolamento mais qualificado, com plenas condições de atendimento às necessidades, o restante dos indivíduos, pertencem ao que o autor nomeia, devido ao tratamento social recebido, de “lixo humano” (BAUMAN, 2007), já que encontram-se subdesenvolvidos ou atrasados em relação às elites.

Ao aceitar-se que, conforme Geertz (2008), a cultura é como um orientador de conduta, as afirmações de Bauman (1999, 2007) concebem as intervenções culturais geradas às representações identitárias dos sujeitos. Nesse rumo, cabe a reflexão de Sarlo (2000, p. 25): “a cultura nos sonha como uma colcha de retalhos, uma colagem de peças, um conjunto nunca terminado de todo.” Assim como a cultura na contemporaneidade está em constante revolução, está também o sujeito. Retalhos desconexos formam um mosaico complexo, cujas ações são imprevisíveis, juntamente por sua característica de produção infundável. É a representação da identidade em crise (HALL, 2006), “característica das sociedades contemporâneas” (Woodward, 2000, p. 20).

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



E como estabelece-se o vínculo com o passado? Reconhece-se suas implicações às perspectivas de mundo atuais? Para Sarlo (2000, p. 18) “[...] a história é paradoxalmente tratada como *souvenir* e não como suporte material de uma identidade e um temporalidade que sempre apresentam ao presente seu conflito”. Não há tempo para reflexão acerca dessas questões, já que “A modernidade impõe seu ritmo aos costumes arraigados.” (ORTIZ, 1998, p. 82). A tradição perde sua forma diante da difusão, que precisa emanar constantemente novos elementos e sentimentos para que a rotina não se estabeleça no globo mundializado.

Assim, diante desses apontamentos, percebe-se que cultura e identidade implicam-se mutuamente, já que imbricada uma na outra, está. A imposição do tempo contemporâneo produz um rompimento com as formas tradicionais de promover e construir o conhecimento das noções que norteiam o comportamento dos sujeitos. A mundialização é positiva e negativa nessa realidade, já que ao mesmo tempo em que oportuniza o contato com múltiplas possibilidades às quais são dispostas à escolha, também complexifica suas ações e apresenta a crise identitária como resultado da falta de capacidade humana para a gestão da diversidade a qual se está consciente.

A angústia experimentada pelos sujeitos modernos é expressa nas mais diversas linguagens. As manifestações culturais produzidas na contemporaneidade, considerando desde os comportamentos de compra até os discursos expressos pela arte, revelam um sujeito que busca nelas a oportunidade de mostrar-se ao mundo, da forma como nele se vê. Percebe-se, nestas, a presença dos efeitos da globalização negativa, a mundialização que resulta na desordem simbólica que constitui a identidade dos indivíduos.

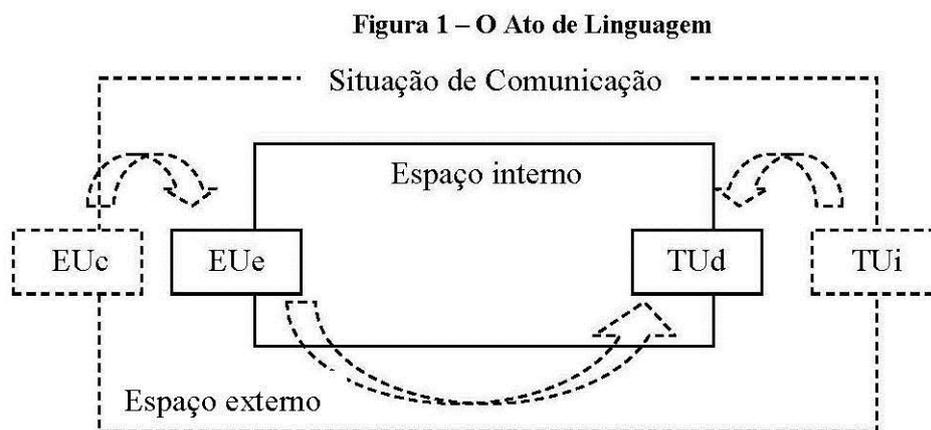
### **3 O ATO DE LINGUAGEM, A SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO E A ENCENAÇÃO DISCURSIVA**

Ante a identificação de algumas das características do cenário contemporâneo, cuja relevância do simbólico é reconhecida, acredita-se que compreender a essência das relações

estabelecidas entre os sujeitos seja fundamental. Nesse rumo, busca-se na proposta do linguista francês, Patrick Charaudeau, embasamento para o entendimento das implicações da linguagem acerca destas manifestações culturais, em especial, à selecionada para este estudo.

Para Charaudeau (2010), o ato de linguagem não é transparente, mas opaco, uma vez que caracteriza-se pela assimetria. Sua mobilização é decorrente da ação intencional dos sujeitos, que nesta proposta, são quatro: dois seres sociais e dois seres de fala. Há uma instância de emissão e outra de recepção, um EU comunicante (EUc) e um TU interpretante (TUi). Porém, estes, situados no espaço externo apenas reproduzem o projeto de fala, idealizado por um sujeito enunciador (EUe) a um sujeito destinatário (TUd), ambos localizados em um espaço interno, do qual emergem as estratégias discursivas adequadas às finalidades da troca languageira. A encenação do ato de linguagem está sintetizada na Figura:

1:



FONTE: Adaptado de Charaudeau (2010, 2012)

O objetivo desta perspectiva está na análise semiolinguística do discurso, que depende, então, da atuação desses quatro sujeitos, que mobilizam os elementos a sua disposição para a produção de significados e construção de sentido. Esses dois processos, de

# V ENALLI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



transformação e transação (CHARAUDEAU, 2012), implicam o ato de linguagem enquanto encenação, ou *mise-em-scène*. O sujeito comunicante (EUc), que toma para si o uso da fala, tem um propósito, ou seja, “[...] aquilo que se fala, o que está em questão” (Ibidem, p. 94), decorrente de um acontecimento que estimula o início do diálogo e institui-se como situação de comunicação, um “palco, um quadro de referências” (Ibidem, p.67) que “se refere ao ambiente físico e social [...] é externa ao ato de linguagem” (Ibidem, 2010, p. 69). Desta situação que emerge o ponto de vista revelado pelo emissor, diante de suas finalidades ou intenções.

Diversas são as influências evocadas neste ato. O EUc é convidado a elaborar suas hipóteses acerca do que quer defender e também acerca do que espera da interpretação do TU. A atuação do EUe e do TUD se dá nessa fase, quando o projeto de fala é estabelecido. Como fontes de fomento dessas idealizações discursivas estão as circunstâncias, que se

referem às práticas sociais partilhadas e aos filtros condutores de sentido. É o contexto que permite a captação da mensagem em trânsito, logo, os processos de transformação e transação. A composição do texto, materialização do discurso, se dá por meio da língua e também pelo componente situacional, que tange o material psicossocial, práticas e comportamentos determinados pelo ideológico e o simbólico (CHARAUDEAU, 2010).

Outro elemento ponto fundamental para que se estruture o ponto de vista que o EU deseja defender é o contrato de comunicação, que assume a função de estatuto para a produção e também a interpretação da mensagem. Por essa razão, é fundamental que ambos os sujeitos, EU e TU, compartilhem de “um acordo sobre as representações linguageiras das práticas sociais” (CHARAUDEAU, 2010, p. 56), uma vez que é esta convenção permitirá o êxito da finalidade comunicativa.

Segundo Charaudeau (2010, 2012) os componentes acionados no contrato de comunicação podem advir de dados externos ou internos. As práticas sociais são representadas pelos dados externos, os quais são divididos em quatro categorias ou condições de enunciação: a. identificação dos sujeitos do ato de linguagem; b. as finalidades

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



ou incorporação do outro a própria intencionalidade; c. o propósito, ou tema do discurso; d. o dispositivo que engloba as circunstâncias materiais da manifestação discursiva. Diante destas limitações impostas pelo espaço externo, os dados internos podem representar os espaços de comportamentos linguageiros. São três as categorias neste ponto: a. locução, que implica “conquistar o espaço de comunicar” (Ibidem, 2012, p. 71); b. relação estabelecida entre os sujeitos; c. escolhas para abordagem do tema a ser compartilhado.

Assim, estabelece-se o ato comunicativo, ou de linguagem, estabelece-se como enunciação discursiva, uma vez que diante das condições e dos espaços de enunciação identificados a partir da projeção do EUE e TUD, o EUC pode verbalizar o projeto de fala elaborado. O TUI por sua vez, ao receber a mensagem imbuída de intencionalidade, terá as condições para permitir-se ou não ser persuadido pelo outro. A alteridade é relevante nas duas pontas do circuito, pois seja na posição de comunicante ou interpretante, a ideação que se tem do outro e dos planos que os envolvem será basilar para o entendimento de uma mensagem. Salienta-se, neste ponto, o que vale-se, Charaudeau, para defender seu ponto de vista acerca da opacidade ou assimetria do ato comunicativo: sempre há um entendimento da mensagem, que pode, ou não, estar em concordância com a expectativa da instância de produção. Isso dependerá da capacidade do EU na avaliação das categorias que implicarão no TU.

#### 4 PARA ENTENDER “ESTE NATAL”

Diante dos interesses desse estudo, elege-se como *corpus* para análise a crônica “Este Natal”, escrita por Carlos Drummond de Andrade, em dezembro de 1966. O poeta e cronista inspirava-se no cotidiano; as experiências diárias observadas e captadas por seu talento revelam a essência e a emoção presente na rotina, e a sutileza a qual abordava cada situação o aproximou de seu público. Por vezes os costumes da sociedade são abordados em sua obra e sua reflexão crítica, mostrava já o homem marcado pela fragmentação dos

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



sentidos e da quebra paradigmática promovida pelo modernismo. Nesse sentido, a crônica selecionada, publicada originalmente no Jornal do Brasil e posteriormente inserida no livro de crônicas “Caminhos de João Brandão”, em 1970, é classificada como prosa, uma vez que visa a construção de uma imagem da realidade, o que torna-se facilitador para aplicação da análise do discurso para compreensão aprofundada das intenções do autor ao escrevê-la.

A descrição do *corpus* caracteriza a pesquisa aplicada, com abordagem qualitativa e objetivos exploratório e descritivo. Os procedimentos adotados para coleta de dados constituem-se de pesquisa bibliográfica. Desta, emergem as perspectivas teórico-metodológicas adotadas, provenientes da interface entre a noção de mundialização abordada por Ortiz (1998), suas consequências, exploradas por Hall (2003, 2006) e Bauman (1999,

2007, 2008), e a análise do discurso de Charaudeau (2010, 2012). O percurso metodológico compreende a pesquisa bibliográfica, com o intuito de esclarecer os conceitos pertencentes às propostas teóricas mencionadas, cuja interface implicará a análise do *corpus*.

### 5 O ATO DE LINGUAGEM FORMATADO PELA MUNDIALIZAÇÃO: PERSPECTIVAS POSSÍVEIS

Ao compreender que a cultura assume papel fundamental à formação da conduta do indivíduo, a partir da socialização de valores e do compartilhar de experiências, uma diversidade de elementos é disposta para a constituição de sua identidade. As dimensões que o globo assume são proporcionais ao que é reconhecido pelo sujeito, perante sua relação com o outro. As transações financeiras, conseqüentemente mobilizam as trocas culturais. Uma vez que essas superam as fronteiras territoriais, também implicam a reconstrução de significados.

“— Este Natal anda muito perigoso - concluiu João Brandão, ao ver dois PM travarem pelos braços o robusto Papai Noel, que tentava fugir, e o conduzirem a trancos e

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



barrancos para o Distrito.” Essa ação dá início ao encadeamento discursivo elaborado por Carlos Drummond de Andrade na situação de comunicação em análise: a crônica “Este Natal”, que estabelece uma reflexão acerca das alterações na comemoração da tradição natalina, reflexo de mudanças nas relações sociais.

As circunstâncias de discurso que, segundo Charaudeau (2010, 2012), permitem e permeiam a troca linguageira estabelecida, por meio da relação entre o sujeito comunicante e o interpretante, destacam-se os saberes compartilhados acerca da tradição natalina, como a presença do Papai Noel, o Menino Jesus na manjedoura e a loja de brinquedos. Também as consequências da modernidade, que refletem as novas práticas sociais, podem ser percebidas nos enunciados “Eis os conselhos que nos dão pelo Natal, para que o atrassemos a salvo.”; “De resto, é isso mesmo que o jornal recomenda: ‘Nesta época do Natal, o melhor é desconfiar sempre’ ”; “O Natal de pé atrás, que nos ensina o desamor.” Essas características, evidenciadas pelo período natalino, na perspectiva proposta por Drummond, convergem às apresentadas por Bauman (2007), como o individualismo, a fragmentação de laços humanos e a decadência da solidariedade.

Além dessas práticas sociais, destacam-se ainda outros filtros condutores de sentido (CHARAUDEAU, 2010), como a identidade reconhecida do sujeito comunicante, o cronista. Carlos Drummond de Andrade é tido como um dos mais importantes escritores do tempo moderno. Chama atenção em sua obra, o cotidiano como temática recorrente, seja sob o formato de poesia, conto ou crônica. Sua perspectiva acerca da realidade advinha das “coisas que lhe contavam, sobre as que os jornais publicavam e sobre as que imaginava”<sup>8</sup>. Assim, diante dessas qualificações, que reconhecidas pelo sujeito interpretante, orientam o entendimento da crônica em análise, enquanto uma preocupação acerca da realidade que se constrói a partir da significação dos hábitos socialmente produzidos.

Diante das indicações de Charaudeau (2012), toda troca linguageira é norteadada por um contrato de comunicação, que é composto por alguns itens compartilhados pelos sujeitos do ato de linguagem e que garantem o entendimento entre eles. O aspecto

---

<sup>8</sup> Apresentação do autor disponível no livro “Crônicas 5 – Para Gostar de Ler”, p. 80.

# V ENALLI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



fundamental para o êxito da troca comunicacional inicia pela identificação dos sujeitos do ato de linguagem. Os sujeitos do espaço externo, chamados seres sociais, nesta crônica, são representados por Carlos Drummond de Andrade, que ao grafar a crônica, materializa as escolhas linguísticas por meio da palavra, assumindo a posição de sujeito comunicante (EUc). Por consequência, o leitor torna-se seu interpretante (TUi). Já os papéis da encenação discursiva, os seres de fala, cuja representação remete ao sujeito enunciador (EUe), ou seja, aquele que projeta quais valores deseja acionar para apresentar o acontecimento que motiva sua fala, assim como seus objetivos com ela. Suas escolhas discursivas serão direcionadas a um sujeito, localizado na instância de recepção (TUD), logo, é necessário levantar algumas hipóteses acerca de seus saberes diante das circunstâncias que os unem, considerando um estatuto implícito entre os seres sociais.

Quanto aos argumentos apresentados neste ato de linguagem, que consolidam as finalidades comunicativas e a intencionalidade presente, conduzem a percepção de que o comunicante visa influenciar seu receptor a refletir acerca do que promove. As características deste natal, reproduzidas a partir das situações narradas, são reconhecidas pelo leitor, que é impulsionado a uma reflexão acerca da relevância desses impactos nas experiências dos indivíduos, assim como suas influências nas relações estabelecidas no espaço coletivo. Pode-se perceber que o autor tenta estimular o sujeito interpretante a fazer, assim como ele, esse balanço acerca da tradição natalina, para que se possa sentir, diante do passo a passo de cada ação, as emoções estabelecidas em sua memória. Acredita-se que, na perspectiva do sujeito enunciador, o interpretante sentir-se-ia condicionado a promover alguma mudança das práticas sociais, em prol da manutenção de uma tradição.

Nesse sentido, retoma-se a proposta de Ortiz (1998) e Hall (2006), para quem a mundialização não representa um fenômeno novo, mas transformado diante da significação atribuída ao tempo e ao espaço na contemporaneidade. Para ampliar a reflexão, toma-se o exemplo da crônica em análise. O Natal refere-se a uma tradição, cujos valores são compartilhados pela comunidade global há um longo período de tempo. O período natalino é representado nas vitrines, peças publicitárias, dentre outros dispositivos que, posicionados

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



estrategicamente, visam comover os sujeitos com a produção de um sentimento nostálgico cuja origem muitas vezes não é identificada, já que das experiências familiares, as recordações não assemelham-se as reproduzidas massivamente. A reunião de membros distantes da família, alimentação farta e ‘pesada’, com pratos elaborados e adequados às baixas temperaturas (características baseadas em países onde o inverno é a estação nessa época) e a vestimenta do Papai Noel; representações que remontam um cenário diferente daqueles que são vivenciados por pelo menos metade do mundo.

As questões ideológicas que permeiam a noção do Natal também são enfatizadas: família, confiança, amor e generosidade. Em oposição, as implicações da produção e do consumo, ressaltadas por Woodward (2000), reproduzem, a seu ritmo, os elementos que constituem a identidade dos sujeitos e que repercutem padronizações culturais. Como manifestações mencionadas na crônica destaca-se o comportamento dos sujeitos marcado pelo isolamento, resultante da imposição comercial, que estimula o desconfiar sempre, e propõe suprimir a tradição em prol da segurança e da tranquilidade dos sujeitos. Ou seja, mercadologicamente, mantém-se os valores tradicionais, em oposição, aos praticados nas relações cotidianas.

Essas características compreendem o que Hall (2006) e Woodward (2000) mencionam como crise de identidade. Dos trechos que seguem, selecionam-se algumas pistas, que complementam a leitura de mundo proposta por Bauman (1999, 2007): “— De qualquer maneira, este Natal é fogo — voltou a ponderar Brandão, pois se os ladrões se disfarçam em Papai Noel, que garantia tem a gente diante de um bispo, de um almirante, de um astronauta? Pode ser de verdade, pode ser de mentira; acabou-se a confiança no próximo.”; “De resto, é isso mesmo que o jornal recomenda: ‘Nesta época do Natal, o melhor é desconfiar sempre’”

Das diversas situações evocadas por Drummond, percebe-se que o universo do discurso pode ser sintetizado na tríade: tradição – modernidade - consequências. O propósito trata de um ponto de vista que busca reconstituir algo que existe na memória tanto da instância de produção, quanto a de interpretação da fala, mas que se transformou.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



“Este Natal” não reflete mais aquele, registrado na história e que faz parte do que constitui sua perspectiva sobre o mundo e a vida. Evidencia-se o que Sarlo (2000) aponta acerca da história que é utilizada para evocar a memória artificialmente construída, por experiências virtuais diante da publicidade, da indústria fílmica e outros aparatos que conduzem os valores da tradição, opondo-se a grande parte das experiências diárias realizadas em parceria com os demais sujeitos. Sentimentos nostálgicos são impulsionados, mesmo que seu sentido não seja por completo compreendido. O que vale é a representação da felicidade a disposição de todos e facilmente conquistada, a partir de um clic.

Como elemento final dos componentes externos do contrato de comunicação cunhado por Charaudeau (2012), fala-se do dispositivo. Para retratar sua preocupação com as questões relacionadas à transformação da tradição, o emissor, não poderia escolher outro formato que não a escrituralidade. Ao selecionar as histórias que costuram-se umas nas outras, contribuindo para o significado que deseja construir, vale-se de linguagem coloquial para tal. Publicada originalmente em um jornal, a crônica “Este Natal” aproxima-se do cotidiano do leitor tanto pelo suporte material, quanto pelo material semiolinguístico que oferece.

Quanto aos dados internos utilizados na composição discursiva, inicia-se o apontamento pela locução. A conquista pelo direito da fala decorre do uso de um vocabulário coloquial, de fácil entendimento do interlocutor, que consegue visualizar-se enquanto parte da encenação discursiva elaborada pelo enunciador/ locutor. Essa característica pode ser considerada fundamental à apreensão do leitor, por parte do autor, já que diante da aceitação ao que é posto, há mais possibilidades para influenciá-lo.

Este ponto liga-se diretamente ao segundo, a relação estabelecida entre os sujeitos. Acredita-se que se busca realizar uma parceria, já que, por vezes, o escritor convida diretamente o leitor a participar da construção da crônica, por meio de questionamentos: “Se até Papai Noel é considerado fora da lei, que não acontecerá com a gente?”; “— De qualquer maneira, este Natal é fogo — voltou a ponderar Brandão, pois se os ladrões se disfarçam em Papai Noel, que garantia tem a gente diante de um bispo, de um almirante, de

# V ENALLI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



um astronauta?” Ao utilizar uma personagem, que confia seus medos, angústias e ideias, o autor aproxima-se de seu público, que vê no texto também uma espécie de desabafo e o pode ter como efeito tranquilizante: mais pessoas compartilham desse sentimento em relação a tradição.

Por fim, o tema é abordado por meio de uma intervenção que permeia o humor e o drama, conduzindo a encenação do ato de linguagem ante as expectativas do comunicante/enunciador em relação ao interpretante: fazer pensar (tomar uma ação) e fazer sentir. Seus enunciados entrelaçam-se distribuindo aos sujeitos os papéis que devem assumir. O locutor, com o direito da fala, exige que o interlocutor produza uma resposta, que pode ou não referir-se a seus objetivos. Diante do dispositivo disponível ao leitor, o ter contato com o discurso pode ser interrompido a qualquer tempo, seja por incômodo, ou para reflexão; pode tomar como atitude a reconstituição dos valores natalinos difundidos há longo tempo (tradição), ou ainda modificar seu comportamento em proteção a “este natal”.

A condução da crônica se vale da conjunção entre uma história narrada, a de João Brandão, que vai, progressivamente, encadeando as ações realizadas por ele: visualização da prisão do “Papai Noel”, as recomendações do jornal, o diálogo com o vendedor de uma loja, os traslados para manutenção da tradição e, por fim, o conselho que sintetiza o sentimento do sujeito comunicante, EUc. A sequência narrada pode ser percebida como uma estratégia argumentativa, cuja função demonstra a casualidade das ações desempenhadas, em prol do estabelecimento de provas, frente a tese que defende: “Este Natal anda muito perigoso”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A globalização, enquanto processo intransponível e imutável, não refere-se a um fenômeno novo, pois, como lembra Hall (2006), a migração e o deslocamento dos povos advém do século XV, momento em que o homem passa a desenvolver técnicas para dominação dos objetos. Seus impactos à sociedade atual diferem-se pela rapidez com a

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



qual as situações tomam dimensões territoriais. É a combinação da velocidade com o espaço que tem implicado uma variedade de estímulos, assim como a ampliação de possibilidades para deslocamento social nessa estrutura.

Sob a ótica da cultura, Ortiz (1998) promove o conceito de mundialização como o resultado da convergência entre a tradição e a difusão. Nesse sentido, diante de uma padronização cultural, advinda das imbricações de aspectos locais que são propagados aos demais pontos do globo. O exemplo presente na crônica “Este Natal” torna-se, então, adequado para compreender o fenômeno das trocas simbólicas, por meio dos discursos que transitam pelo espaço sociodiscursivo. Nesse sentido, a reflexão proposta neste artigo busca identificar quais características da mundialização podem ser identificadas no ato de linguagem encenado na crônica selecionada para análise.

Percebe-se que o sujeito tem caminhos múltiplos para escolha, mas que aí perde-se. Desta forma, compreende-se que, conforme apontam Bauman (1999, 2007), Woodward (2000) e Sarlo (2000), uma crise identitária é presente. A ruptura com os vínculos marcados pela solidariedade acarreta solidão, individualismo e outras situações de degradação do compartilhamento de valores e ideologias na coletividade. O indivíduo é então impulsionado a buscar alternativas para suprir o isolamento e experimentar o mundo tomando e concedendo consciência da existência ao outro.

Diante do problema e do objetivo central, a análise semiolinguística do discurso, proposta por Charaudeau (2010, 2012), foi fundamental para identificação de pontos positivos e negativos da mundialização presentes no texto selecionado. A escolha por uma proposta que dá ênfase aos sujeitos torna-se mais adequada para compreender um fenômeno simbólico como a mundialização. Além desses pontos, acredita-se que o diálogo entre os autores que fundamentam a análise, por meio da interface conceitual, foi favorecido diante desta perspectiva.

Assim, diante do exposto em resposta às expectativas apresentadas, acredita-se que o problema de pesquisa foi respondido e a hipótese confirmada. O discurso selecionado mostra-se rico na promoção do entendimento que se busca, além da apropriação dos

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



conceitos de mundialização, tradição, difusão, bem como os resultados gerados e por vezes manifestos pelos estudiosos.

### REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Este Natal**. In: Crônicas 5 – Para Gostar de Ler. 14. ed. São Paulo, SP: Editora Ática. 7ª Reimpressão em 2007. p. 18- 19.. Informações biográficas. Disponível em: <[http://www.releituras.com/drummond\\_menu.asp](http://www.releituras.com/drummond_menu.asp)>. Acesso em: 16 de jul. 2013.

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Hucitec, 1981. 150 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2007.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1998. 395 p.  
CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso: modos de organização**. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2010. 256 p.

\_\_\_\_\_. **O Discurso das Mídias**. São Paulo, SP: Contexto, 2012. 383 p.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1. ed. 13ª.reimp. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2008. 323 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.102 p.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os Tempos Hipermodernos**. 1ª Ed. São Paulo, SP: Editora Barcarolla, 2004. 2ª Reimpressão em 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Sociedade da Decepção**. Barueri, SP: Manole, 2007. 84 p. SARLO, beatriz. **Cenas da Vida Pós-Moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000. 193 p.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7 -72.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



### ANEXO

#### 1 CRÔNICA “ESTE NATAL” – CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

— Este Natal anda muito perigoso — concluiu João Brandão, ao ver dois PM travarem pelos braços o robusto Papai Noel, que tentava fugir, e o conduzirem a trancos e barrancos para o Distrito. Se até Papai Noel é considerado fora-da-lei, que não acontecerá com a gente?

Logo lhe explicaram que aquele era um falso velhinho, conspurcador das vestes amáveis. Em vez de dar presentes, tomava-os das lojas onde a multidão se comprime, e os vendedores, afobados com a clientela, não podem prestar atenção a tais manobras. Fora apanhado em flagrante, ao furtar um rádio transistor, e teria de despir a fantasia.

— De qualquer maneira, este Natal é fogo — voltou a ponderar Brandão, pois se os ladrões se disfarçam em Papai Noel, que garantia tem a gente diante de um bispo, de um almirante, de um astronauta? Pode ser de verdade, pode ser de mentira; acabou-se a confiança no próximo.

De resto, é isso mesmo que o jornal recomenda: "Nesta época do Natal, o melhor é desconfiar sempre". Talvez do próprio Menino Jesus, que, na sua inocência cerâmica, se for de tamanho natural, poderá esconder não sei que mecanismo pérfido, pronto a subtrair tua carteira ou teu anel, na hora em que te curvares sobre o presépio para beijar o divino infante.

O gerente de uma loja de brinquedos queixou-se a João que o movimento está fraco, menos por falta de dinheiro que por medo de punguistas e vigaristas. Alertados pela imprensa, os cautelosos preferem não se arriscar a duas eventualidades: serem furtados ou serem suspeitados como afanadores, pois o vendedor precisa desconfiar do comprador: se ele, por exemplo, já traz um pacote, toda cautela é pouca. Vai ver, o pacote tem fundo falso, e destina-se a recolher objetos ao alcance da mão rápida.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



O punguista é a delicadeza em pessoa, adverte-nos a polícia. Assim, temos de desconfiar de todo desconhecido que se mostre cortês; se ele levar a requintes sua gentileza, o

melhor é chamar o Cosme e depois verificar, na delegacia, se se trata de embaixador aposentado, da era de Ataulfo de Paiva e D. Laurinda Santos Lobo, ou de reles lalau.

Triste é desconfiar da saborosa moça que deseja experimentar um vestido, experimenta, e sai com ele sem pagar, deixando o antigo, ou nem esse. Acontece — informa um detetive, que nos inocula a suspeita prévia em desfavor de todas as moças agradáveis do Rio de Janeiro. O Natal de pé atrás, que nos ensina o desamor.

E mais. Não aceite o oferecimento do sujeito sentado no ônibus, que pretende guardar sobre os joelhos o seu embrulho.

Quem use botas, seja ou não Papai Noel, olho nele: é esconderijo de objetos surrupiados. Sua carteira, meu caro senhor, deve ser presa a um alfinete de fralda, no bolso mais íntimo do paletó; e se, ainda assim, sentir-se ameaçado pelo vizinho de olhar suspeito, cerre o bolso com fita durex e passe uma tela de arame fino e eletrificado em redor do peito. Enterrar o dinheiro no fundo do quintal não adianta, primeiro porque não há quintal, e, se houvesse, dos terraços dos edifícios em redor, munidos de binóculos, ladrões implacáveis sorririam da pobre astúcia.

Eis os conselhos que nos dão pelo Natal, para que o atravessemos a salvo. Francamente, o melhor seria suprimir o Natal e, com ele, os especialistas em furto natalino. Ou — ideia de João Brandão, o sempre inventivo — comemorá-lo em épocas incertas, sem aviso prévio, no maior silêncio, em grupos pequenos de parentes, amigos e amores, unidos na paz e na confiança de Deus.

**(14-12-1966)**